

ASSOCIATIVISMO/COOPERATIVISMO E O DESENVOLVIMENTO LOCAL/REGIONAL

Gilberto Wakulicz^{*}
Irineu Miguel Marin Righi^{**}
Benhur Cazarolli^{***}

1 Introdução

Entre nós, as idéias e estratégias de desenvolvimento local não são tão novas, especialmente a partir dos anos 30, com intensificação nos anos 60. Mesmo nos períodos dos governos militares, a ideologia de desenvolvimento comunitário, com ampla participação da população, era apregoadado. Foram desenvolvidos, no mesmo período, grandes programas de educação de adultos, como requisitos e componentes do desenvolvimento comunitário. O caráter desse esforço de desenvolvimento comunitário era sem dúvida de natureza existencialista, tendo o Estado como grande empreendedor/realizador.

Nos últimos anos, sobretudo a partir dos anos 80, o Estado passou a estimular a criação de associações, como um movimento informal que progressivamente foi assumindo graus de formalidade, centrado na produção de bens e serviços. Envolveu no começo pequenos grupos e evoluiu para a composição de uma associação num período e de cooperativas num estágio posterior, como

^{*} Presidente da COOTRASMA, Tecnólogo em Cooperativismo, Consultor do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Tecnológico, Educacional e Associativo – IBRAES – e Acadêmico de Direito do Centro Universitário Franciscano.

^{**} Vice-Presidente da COOTRASMA, Administrador, Economista, Engenheiro de Produção, Consultor do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Tecnológico, Educacional e Associativo – IBRAES – e professor aposentado da UFSM.

^{***} Secretário da COOTRASMA, Advogado, Consultor do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Tecnológico, Educacional e Associativo – IBRAES.

condição de financiamento de pequenos investimentos em comunidades rurais ou urbanas, numa relação direta da instituição governamental com aquela associação.

Tal prática contribui para a criação de um ideário de desenvolvimento local centrado na concentração de um grande número de atores sociais e institucionais, desde que se incluam nesses empreendimentos as forças locais, públicas ou privadas. Nesse sentido pode-se afirmar que a prática mais recente de apoio às comunidades contribui para a formação ou consolidação de uma cultura de aproximação ao poder local, encarado, no caso de associações e cooperativas, quase sempre, como parceiros e co-participantes do processo.

De modo especial, no caso das cooperativas, o que se constata é uma mentalidade coletivista, não se limitando apenas a uma atuação com e pelos associados, muito favorável ao desenvolvimento de ações em parceria com outras instituições. A relação das cooperativas, na sua grande maioria, com as comunidades, governos e organizações não-governamentais, quando existente, é muito forte, independente do envolvimento de recursos humanos, materiais e financeiros.

2 Antecedentes

O conceito de desenvolvimento local é muito popular, tanto em nível de Estado, quanto no dos líderes dos meios políticos, locais e universitários. A popularidade deste conceito de desenvolvimento é tal, que é legítimo perguntar-se: por que o enfoque local como solução dos problemas de desenvolvimento toma neste momento preciso uma tal amplitude?

A resposta se situa em dois níveis. De um lado, o Estado não tem mais capacidade financeira necessária para iniciar e manter

grandes projetos de desenvolvimento. A época das grandes estratégias estatais de desenvolvimento já passou. Do outro lado, a população constata os frágeis resultados dos governos e das grandes empresas em matéria de criação de empregos, assim como a inadequação de muitos programas de desenvolvimento iniciados pelo governo. Certos grupos da população adotam a idéia de que a solução do problema do desemprego não virá do Estado nem dos grandes projetos privados. Desde muito tempo, as pequenas, médias e microempresas são responsáveis por setenta e cinco por cento do crescimento dos empregos no país. Além disso, o interesse por estratégias de desenvolvimento centradas no nível local se explica também através de experiências que tiveram sucesso e que se tornaram modelos.

3 A Evolução do Conceito de Desenvolvimento Local

Nos anos setenta e oitenta, o desenvolvimento local era percebido como o negócio dos grupos comunitários e de alguns reagrupamentos coletivos de menor importância econômica destinados à sobrevivência num determinado local. O desenvolvimento local se traduzia muitas vezes como embates ideológicos entre os grupos e as autoridades locais, apoiadas pelo setor privado e pelas elites tradicionais.

Depois o conceito de desenvolvimento local evoluiu progressivamente, durante os anos oitenta, à luz da concentração e das parcerias, permitiu uma certa aproximação dos atores do meio.

A tendência atual do modelo de desenvolvimento local se baseia essencialmente na convergência de todas as forças do meio e na valorização do empreendimento. Na base do modelo, encontram-se, entre outras, as seguintes exigências:

I – A concentração, que tem como objetivo permitir a todos os atores locais desenvolver diversas formas de cooperação, tais

como agrupamentos, redes ou entendimentos, adotando uma visão dinâmica do papel, dos recursos, do potencial e das dificuldades de cada ator.

II – A valorização daquilo que é construído localmente, sejam recursos físicos, humanos ou financeiros, da criatividade e da inovação.

III – A diversificação da economia e a abertura aos mercados.

IV – A formação dos recursos humanos e a adoção de novos comportamentos.

V – O centro tem que ser o ser humano, a pessoa, e não o negócio, o mercado, o produto, o serviço.

É necessário ter-se a evolução do conceito de desenvolvimento local antes de abordar o tema específico, pois esta rápida análise permite fazer algumas observações interessantes, muito preliminares. Se fossem profundas, nos levariam a conhecer melhor as condições do desenvolvimento local. Quanto mais o Estado é ativo em cada uma das etapas de implantação de sua estratégia de desenvolvimento econômico, menos ele suscita a mobilização e valorização das iniciativas locais como elemento necessário ao sucesso de sua estratégia. Quando a capacidade do Estado de intervenção diminui com o crescimento do déficit público, por exemplo, seu papel nas estratégias de desenvolvimento passa de mestre de obras do desenvolvimento, de financiador, ao papel de parceiro das populações em seus passos para o desenvolvimento. Por outro lado, a população sai de um papel de beneficiário ao de parceiro e, enfim, ao de ator principal do desenvolvimento. A evolução do conceito de desenvolvimento local e a forma que tomará são condicionadas pelo estado de desenvolvimento econômico em escala nacional e pelas condições sócioeconômicas da população. A evolução do conceito de desenvolvimento local fica necessariamente inter-relacionada ao desenvolvimento regional e nacional e então necessariamente condicionada pelas estratégias globais de desenvolvimento orquestradas pelas comunidades.

Constata-se, pois, que o desenvolvimento local não é um processo mecânico e linear, mas antes um processo de ida e volta, difícil de prever e planejar com precisão.

4 O Cooperativismo na Construção do Desenvolvimento Local

Pode-se estabelecer, de modo sistemático, o papel das cooperativas na construção do desenvolvimento local, ou apostar numa estratégia precisa de desenvolvimento local pelas cooperativas? Tome-se, por exemplo, a evolução dos principais segmentos cooperativos do Brasil: o movimento das cooperativas de crédito, das cooperativas agrícolas e das cooperativas de trabalho. Trata-se de setores cooperativos que ocupam uma parte importante de seus respectivos setores de atividade.

Esses movimentos caracterizam-se por fortes alicerces locais no meio rural e urbano. Num primeiro momento, as cooperativas agrícolas tiveram um forte apoio do Estado, depois tiveram vida própria, com algumas dificuldades; porém, sempre onde atuam são um forte ponto de desenvolvimento. As cooperativas de crédito, sem apoio econômico do Governo, apenas na adequação da legislação, desempenham importante papel no desenvolvimento das comunidades. Já as cooperativas de trabalho, num movimento mais recente, impulsionadas por fatores externos de globalização e desemprego, surgem sem apoio nenhum do Estado e com uma força impulsionadora muito significativa ao desenvolvimento das comunidades, pela sua abrangência, amplitude e desenvolvimento.

Modificando a legislação das cooperativas e favorecendo, através de funções de incentivo, controle e vigilância, a concentração, a diversificação e a profissionalização das cooperativas, o estado consegue impor uma nova dinâmica centrada sobre a industrialização e a modernização.

O que ilustra o processo de ida e volta do nível local ao nível regional e vice-versa, são as numerosas tentativas de centrar o desenvolvimento local em cooperativas, essencialmente de autogestão. Excetuando-se alguns casos, elas conseguiram colocar sua comunidade no caminho do desenvolvimento local.

5 A Cooperativa como Forma de Desenvolvimento Local

5.1 Das características interessantes na teoria

Por definição, a cooperativa é um instrumento ideal de desenvolvimento endógeno, pois ela é centrada sobre a pessoa em vez do capital, por seu princípio de um membro, um voto. Ela favorece, assim, uma democracia direta, valorizando os interesses e as necessidades locais.

Na teoria, a cooperativa é igualmente apresentada como um bem inalienável da comunidade, graças ao princípio do não partilhar a reserva, princípio este que coloca a cooperativa ao abrigo das tomadas de controle agressivo por interesses exteriores. A fórmula cooperativa favorece então o enraizamento a longo prazo.

5.2 Uma fórmula menos evidente na prática

Existe uma certa confusão a respeito do papel das cooperativas. No extremo da polémica, há aqueles que gostariam de ver o papel das cooperativas limitado à satisfação dos interesses dos membros-usuários e aqueles que confiam às cooperativas uma responsabilidade coletiva para toda a sociedade.

As expectativas em relação às cooperativas são então muito diferentes no meio da comunidade. Além disso, tais expectativas não são sempre muito claras. Este aspecto constitui um obstáculo para as cooperativas, ou seja, ele constitui o perigo de se ver atribuir

um papel que ultrapassa e deforma a missão de cooperativa. Um bom exemplo é a realização de programas de apoio às cooperativas que visam, na realidade, a objetivos voltados aos interesses da sociedade. A criação de emprego é um exemplo clássico. A eficácia do programa será então adaptada e avaliada em função de empregos criados e não em função dos critérios de viabilidade das cooperativas. É claro que para isso precisam ser eficientes.

Um outro obstáculo que limita a contribuição das cooperativas ao desenvolvimento local é o desconhecimento das dimensões organizacionais reais das cooperativas, fato que tem uma influência importante sobre sua evolução e sobre seu potencial como agente de desenvolvimento local. Um breve exemplo para ilustrar isto. Em teoria, a não-partilha da reserva assegura o caráter inalienável da cooperativa e o seu enraizamento a longo prazo. Somente uma organização com saúde saberá instaurar os mecanismos necessários para contrabalançar a tendência dos membros em favorecer o curto prazo.

5.3 Centrar-se sobre as condições de viabilidade das cooperativas

As cooperativas têm as “predisposições genéticas” para tornarem-se agentes do desenvolvimento local. Mas certas condições devem estar presentes para que, em primeiro lugar, as cooperativas se tornem viáveis e que, num segundo tempo, elas possam, em certos casos, se tornar agentes do desenvolvimento local.

A maneira mais fácil de ver o papel das cooperativas, na construção do desenvolvimento local, consiste talvez em centrar-se unicamente sobre as condições de viabilidade, as condições mínimas que cada cooperativa deve adquirir para maximizar suas forças e minimizar suas fraquezas, tanto no nível da associação,

em suas dimensões organizacionais, quanto no nível da empresa, a escolha do setor de atividades, como ainda ao nível de seu meio ambiente. Um tal passo centrado nas dimensões organizacionais e estratégicas da cooperativa reúne muito mais, sem dúvida, os princípios de desenvolvimento local endógeno, do que um passo de desenvolvimento cooperativo local centrado em grandes objetivos socioeconômicos e comunitários.

A participação das cooperativas na construção do desenvolvimento local é evidente, sendo um elemento entre tantos outros, no seio da dinâmica de desenvolvimento local atual. Cada cooperativa ou organismo cooperativo deverá ter uma visão estratégica do seu papel, dos recursos, do seu potencial e de suas dificuldades. As cooperativas deverão igualmente aprender a evoluir em concentração e em parceria com outros atores locais.

6 Critérios e Condições das Cooperativas no Desenvolvimento Local

6.1 Critérios

Os principais critérios de sucesso de experiências positivas de desenvolvimento local são:

A – A presença de um líder dinâmico, em muitos casos, um eleito local.

B – Uma crise ou outro problema maior que motiva os líderes locais a agir.

C – Tomada de consciência de que as soluções serão trazidas por eles mesmos, ou seja, os líderes locais e a comunidade.

D – A criação de um organismo de desenvolvimento para assegurar a convergência das iniciativas locais.

E – O comprometimento ou o engajamento da comunidade no processo de planejamento.

F – Planejamento de objetivos a curto e longo prazo.

G – Espírito empreendedor no meio da comunidade caracterizada por liderança, atitudes progressivas e inovadoras, disposição de correr riscos e de reconstruir a confiança dos investidores.

H – Capital local disponível e forte motivação para investir a poupança em projetos locais.

I – Uma forte dimensão humana (por oposição à dimensão institucional) caracterizada por personalidades-chaves, líderes locais e a participação da população.

J – Preparação de novas gerações de líderes locais.

6.2 Condições

As principais condições de emergência e de viabilidade das cooperativas, de autogestão, ou seja, de cooperativas de trabalho reagrupando trabalhadores especializados em diversas esferas de atividades são:

6.2.1 A escolha do setor de atividades: a viabilidade da empresa

A – A escolha do setor de atividades é uma condição determinante.

B – O setor deve permitir a compatibilidade natural entre as exigências estratégicas da empresa cooperativa e os objetivos dos membros.

C – As cooperativas de trabalho devem se desenvolver em campos de atividades apropriadas a suas forças, ou seja, à utilização intensiva de recursos humanos.

D – Em setores propícios à inovação, qualidade e individualização dos produtos/serviços.

6.2.2 Condições internas de viabilidade: a viabilidade da organização.

6.2.2.1 Condições durante a fase de emergência e de consolidação da cooperativa

- A – Forte intensidade da necessidade em todos os membros.
- B – Forte motivação por parte de seus membros.
- C – Certa semelhança das necessidades.
- D – Homogeneidade dos objetivos e um forte consenso sobre o projeto coletivo.
- E – Objetivos e expectativas claras quanto às condições de remuneração.
- F – Capacidade dos membros para discutir, criticar, criticar-se e aceitar a crítica.
- G – Capacidade para planejar a longo prazo.
- H – Um líder que facilita a comunicação e que anima, para permitir ao grupo de desenvolver gradualmente a sua capacidade de auto-animação, a responsabilidade coletiva e a mobilização.

6.2.2.2 Condições de viabilidade a longo prazo

- A – Formação adaptada às necessidades dos membros e que não seja vivida como um excesso.
- B – Circulação da informação.
- C – Mecanismos agindo como contrapoder para os administradores, através de comitês, etc.
- D – Estruturas que prevêm a integração dos novos membros.
- E – Mecanismos assegurando uma certa segurança em caso de acidente, doença ou no momento da aposentadoria.
- F – Conscientização sobre a necessidade do longo prazo.
- G – Autonomia com relação ao apoio externo.
- H – Apropriação do projeto por todos os membros.

I – Tecido social forte.

6.2.3 Condições externas de viabilidade

A – Possibilidade de reagrupamento setorial.

B – Possibilidades de financiamento externo para assegurar a consolidação das atividades específicas da cooperativa.

C – Interação dinâmica e estratégica com a comunidade imediata.